

BELO, Duarte. *O núcleo da claridade: entre as palavras de Ruy Belo*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011. 240 p.

*Nuno Costa Santos*

Cineasta / Roteirista / Escritor

Realizador do documentário *Ruy Belo, era uma vez*

Como é que um filho que é artista se pode aproximar de um pai que também foi artista? Através da sua própria arte – no caso, a fotografia. Duarte Belo, licenciado em arquitectura, é um reconhecido fotógrafo, com um percurso de exposições fotográficas individuais iniciado em 1989. Nascido em 1968, uma das marcas que já deixou é, além de um registo pessoal de diversas viagens a territórios muito distintos (Vila do Conde, Idanha, Açores, Amazónia etc.), uma significativa obra documental de levantamento fotográfico da paisagem portuguesa e da forma de ocupação do território, consagrada em livros como *O sabor da terra* (1997) e *Portugal património* (2007-2008). Através do seu trabalho e da sua investigação, também se tem aproximado do pai, um dos maiores poetas portugueses, Ruy Belo, num movimento sóbrio e meticoloso, próprio de quem sabe que não vai encontrar respostas óbvias, mas apenas pistas, fragmentos, janelas.

O primeiro gesto aconteceu em 2000 e tem o título *Coisas de silêncio*. O segundo, realizado dez anos mais tarde e também publicado pela Assírio & Alvim, chama-se *O núcleo da claridade*. Em ambos os livros, Duarte Belo procura fixar aquilo que ficou do pai – os lugares, os objectos do quotidiano, as fotografias

de rosto, as palavras. O primeiro conjunto de fotografias é acompanhado da escolha de uma série de poemas e de excertos de poemas, movimento que está de acordo com uma passagem de um texto de Ruy Belo, no ensaio “Poesia nova” (Revista Rumo, 1961): “[...] nunca a extensão do poema foi garantia de alta temperatura poética. Pelo contrário, dois ou três versos convenientemente isolados ferem-nos mais, muitas vezes, do que abundantes versos, em contínuo perigo de descambarem na prosa [...]”. Os versos escolhidos em *Coisas de silêncio*, “mapa de visita” da paisagem humana do poeta, tocam os temas essenciais da poesia do autor de *Aquele grande rio Eufrates*, de *O problema da habitação – alguns aspectos* e de *Homem de palavra(s)*, dentre outros: Deus (ou melhor: deus) e a sua ausência, a morte, os amigos, o amor, o mar, a mulher, a infância, a alegria, a despedida. Tomem-se exemplos soltos, aqui sem origem bibliográfica: “[...] Os versos que faço sou-os [...]”; “[...] Somos a grande ilha do silêncio de deus [...]”; “Eu vinha para a vida e dão-me dias [...]”. A última imagem do livro é, muito significativamente, a impressão digital do poeta-pai, a marca do dedo de quem esteve aqui para viver e sublimar a vida, nos seus diversos matizes, através da escrita.

Dez anos depois, na sua nova investida pelo rasto biográfico do pai, *O núcleo da claridade – entre as palavras de Ruy Belo*, o mapa é de outra ordem: feito de revisitas às fotografias do primeiro livro, do regresso aos lugares do poeta, como São João da Ribeira, Monte Abraão, Vila do Conde e Peniche, mas também – e sobretudo – de um “olhar” fotográfico sobre a poesia, sobre “os poemas autógrafos, os dactiloscritos, as provas de edições, a correspondência, os documentos dispersos, alguns objectos e as fotografias de época, que contextualizam uma vivência”. Mais uma vez, sente-se o pudor da aproximação, tão assertiva como serena, com uma emoção que se presente

mas se esconde, num esforço de organização e de alinhamento característico do autor.

Podia dizer-se que Duarte assumiu corajosamente a tarefa de regressar ao pai sem necessitar da companhia de textos críticos e cúmplices. É ele e só ele que agora está diante do baú de uma ausência essencial. Citemos o próprio, na sua elegância discursiva:

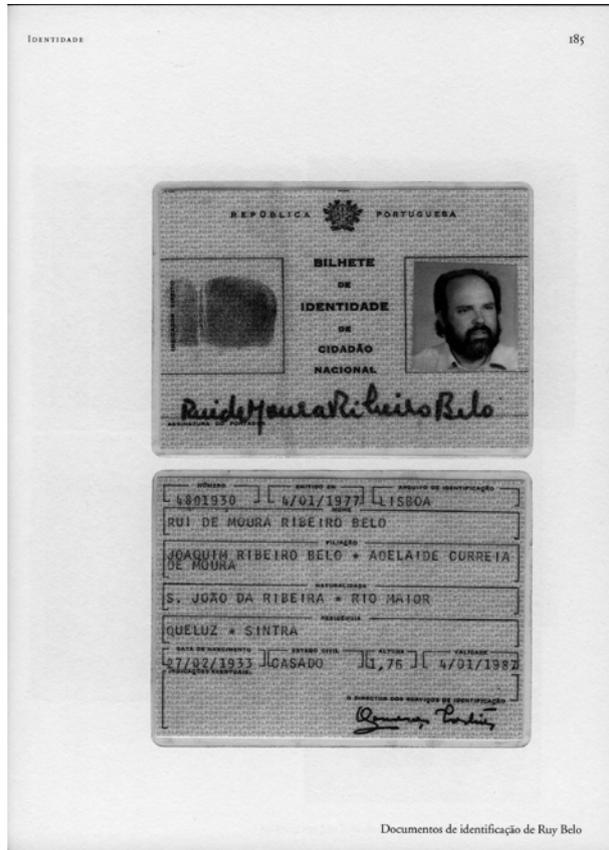
Este não é um trabalho exaustivo sobre Ruy Belo, sobre a sua memória ou sobre o seu espólio literário. [...] É uma aproximação, com carácter fragmentário, para mim possível, a meu pai. Este é um livro sobre a vida e sobre o que permanece após a construção de um desígnio; um percurso sem um destino aparente, a vaga viagem da procura de um território nosso, unicamente humano.

Há o regresso a exactos lugares onde já havia estado para um trabalho anterior com o geógrafo Orlando Ribeiro, mas desta vez dá um enquadrado sentido à passagem do tempo. Afinal, *O núcleo da claridade* aparenta ser um esforço mais preciso, uma assumida forma de aproximação mais condensada, agora mapeada por legendas, rigorosamente orientadoras do leitor. Curiosamente, a dedicatória é mais pessoal, sendo endereçada aos irmãos, que tal como Duarte habitaram uma casa forrada de livros: “Este livro é para minha irmã Catarina e para o meu irmão Diogo, que comigo cresceram numa casa onde os livros ocultavam as paredes e a palavra era o valor absoluto da construção do ser e a face de cada um de nós”.

Encontramos em *O núcleo da claridade* as casas (tema de um dos mais intensos poemas de Ruy Belo), a máquina de escrever, a máscara com que mergulhava no jardim marítimo, fac-símiles de poemas (escritos à mão ou dactilografados, como “Morte ao meio dia”, “O Portugal futuro”, “Vat 69”, “Elogio de Maria Teresa”, “Versos do pobre católico”), bilhetinhos, provas



Destaque-se, também, o Bilhete de Identidade de cidadão português, que vemos na imagem:



Tem-se, em *O núcleo da claridade*, um inventário significativo ou, se quisermos, um álbum que cruza a palavra poética e o quotidiano, em si uma das marcas mais interessantes da obra de Ruy Belo, autor que assumia o dia a dia nos seus poemas e que tanto escrevia sobre o que tinha vivido como transfigurava a experiência num jogo literário para além da “verdade” da biografia.